IMPONENTE

A RECONSTRUÇÃO DO PALMEIRAS, DA ARENA AO DECA

GAROA
LIVROS

CELSO DE CAMPOS JR.
COM FOTOS DE
CESAR GRECO

APRESENTAÇÃO

Poucos períodos foram tão difíceis para o torcedor alviverde quanto as quatro temporadas em que o Palmeiras, por causa das obras do novo estádio, esteve longe de casa. Entre a despedida do Palestra Italia, em 2010, e a inauguração do Allianz Parque, em 2014, os maus resultados acumulados dentro de campo, somados às incontáveis turbulências fora dele, afastaram impiedosamente o clube de sua vocação de protagonista.

Mas a chegada da arena seria o divisor de águas de mais uma reconstrução na vida esportiva e econômica do Verdão. Norteado pelo signo do profissionalismo, o Palmeiras conseguiu canalizar o potencial da colossal praça de esportes e o apoio de parceiros robustos e torcedores apaixonados para montar, mais uma vez, esquadrões à altura de sua tradição – que conquistaram três campeonatos nacionais nos quatro anos seguintes e devolveram o Palestra ao topo do futebol brasileiro.

Registramos aqui essa trajetória a partir de duas perspectivas. Enquanto o jornalista Celso de Campos Jr. narra, em ritmo de melhores momentos, os capítulos mais importantes da jornada, as imagens de Cesar Greco, fotógrafo oficial do clube, oferecem privilegiados instantâneos de uma época que, já podemos dizer sem medo de errar, redefiniu o destino do alviverde – de novo, imponente.

Muitas vezes, tendemos a confundir história com passado, sem lembrar que ela está sendo feita no presente, bem diante de nossos olhos. Este livro não nos deixa esquecer.

NO CAMINHO CERTO

3

Nem mesmo a comprovadamente apaixonada e irracional torcida palestrina esperava que o time saísse desfilando no Paulista de 2015 um futebol que lembrasse a velha Academia. Isso não livraria, contudo, o novo Palmeiras das exigências de sempre no estadual. Ganhar dos pequenos na primeira fase e chegar sem sustos às semifinais era obrigação; o título propriamente dito seria um bônus – com bases há muito montadas, São Paulo, Corinthians e até mesmo o Santos, a despeito de sua grave crise financeira, estavam à frente do alviverde nessa briga.

De qualquer forma, para atestar o retorno do Palestra ao protagonismo, havia uma tarefa obrigatória: bater os rivais no confronto direto. Na temporada anterior, o time vencera apenas um clássico, justamente o primeiro do ano, contra o São Paulo. Nos restantes, só fracassos: oito jogos, seis derrotas, dois empates.

Nesse sentido, o início de Oswaldo de Oliveira não foi dos mais felizes. Logo pela terceira rodada, em 8 de fevereiro, o Palmeiras recebeu o Corinthians no Allianz Parque e perdeu por 1 a 0. Nervosa e catimbada, a partida foi decidida numa falha de Vitor Hugo; o zagueiro errou um recuo, Petros agradeceu e só passou para Danilo concluir com o gol vazio – lance definido jogo pelo técnico Tite como um "docinho", gracejo que arrancou risadinhas cúmplices de boa parte da imprensa.

O clássico seguinte aconteceria dentro de um mês, em 11 de março, diante do Santos, na Baixada. O Palestra havia feito a lição de casa e vencido todas as seis partidas antes do confronto com o Peixe – cinco pelo Paulista e uma pela Copa do Brasil, 4 a 1 contra o Vitória da Conquista, na Bahia –, mas a boa campanha foi esquecida após o apito final na Vila Belmiro: Santos 2 a 1. O resultado colocou pressão sobre a equipe, e, especialmente, sobre o treinador, apesar de a classificação à segunda fase já estar praticamente assegurada – o Verdão liderava o Grupo C, com seis pontos à frente do Botafogo de Ribeirão Preto.

Por isso, o duelo contra o São Paulo, que aconteceria dentro de duas semanas e, a bem da verdade, pouco interferiria na tabela do campeonato, ganhou ares de decisão. Oswaldinho tentava aparentar calma, repetindo para todos os microfones que aquela era apenas mais uma partida; tantas evasivas, porém, apenas deixavam transparecer a certeza de que outro insucesso faria sua batata assar com enorme rapidez. Zé Roberto, em contrapartida, preferiu não negar o óbvio. "Virão jogos mais importantes nas próximas fases, mas este jogo tem bastante peso", declarou em entrevista à *Folha de S.Paulo*, lembrando da rivalidade apimentada nos últimos anos pela troca de farpas das diretorias. Mas fez questão de deixar uma frase de efeito no ar. "A chance de vitória agora é maior. O Palmeiras está maduro para um clássico."

De maturidade, realmente, ele entendia: o Choque-Rei do dia 25 de março ainda nem chegara ao intervalo e seu prognóstico já estava cumprido. Aos três minutos, Robinho abriu o placar com um lindo chute de 40 metros que encobriu Rogério Ceni e entrou para os anais como o primeiro gol de placa do Allianz Parque. Aos sete, o zagueiro Rafael Tolói caiu na provocação de Dudu e foi expulso; totalmente grogue, o São Paulo foi a nocaute aos 23 minutos, quando Rafael Marques marcou o segundo. Ao término da partida, os nove são-paulinos em campo (Michel Bastos também levou o vermelho no segundo tempo) e os pouco mais de dez que sobraram no setor de visitantes da torcida (isso mesmo, foi possível contar) sabiam que os

econômicos 3 a 0 do placar final haviam sido um presente dos céus para o Tricolor.

O massacre desentalou o grito da garganta da torcida e embalou o Palestra rumo ao mata-mata do Paulista. Nas quartas de final, no dia 12 de abril, vitória no Allianz Parque sobre o Botafogo, 1 a 0, gol de Leandro Pereira – partida que marcou, finalmente, a reestreia de Cleiton Xavier, contratado no início de fevereiro e que até então não saíra do departamento médico. Outro que voltava aos campos era Valdivia, naquele ritmo devagar, devagarinho a que os palestrinos já estavam habituados.

De qualquer forma, ambos estavam à disposição de Oswaldo para a semifinal, em 19 de abril – que também aconteceria em jogo único, mas, desta vez, fora de casa, e justamente contra o maior rival.

O Corinthians contava com a melhor campanha do estadual e com o retrospecto de 31 jogos de invencibilidade no Itaquerão para despachar o Palmeiras na primeira eliminatória entre grandes clubes em seu novo estádio. Nos 90 minutos do tempo normal, os arquirrivais fizeram um jogo de ótimo nível técnico, cheio de alternativas. O Verdão saiu na frente com um gol de Victor Ramos, mas o alvinegro virou ainda na etapa inicial, com Danilo e Mendoza. No segundo tempo, embora as duas equipes tenham criado excelentes chances de marcar, a rede só balançou mais uma vez: aos 29 minutos, Rafael Marques completou de cabeça um cruzamento de Dudu e decretou números finais à partida. 2 a 2. Pênaltis.

Bem antes daquela cinzenta tarde na Zona Leste, Fernando Prass já havia se provado um legítimo integrante da linhagem de Oberdan Cattani, Valdir Joaquim de Moraes, Emerson Leão, Velloso e Marcos. O goleiro chegara ao clube no final de 2012, para jogar a segunda divisão, e fora um dos poucos motivos de orgulho da torcida nas duas temporadas anteriores. Dono de um caráter e de um talento ímpares, Prass, aos 36 anos, era não apenas um dos líderes da equipe, mas um dos pilares da reconstrução do clube.

Foi ele que herdou a braçadeira de capitão no Derby, quando o departamento médico, nos vestiários, vetou a participação de Zé Roberto em virtude de uma lesão muscular na coxa direita. E seria ele que, envergando a histórica camisa azul dos arqueiros palestrinos, garantiria a passagem do Palmeiras para a final do Paulista.

Robinho errou a primeira cobrança e deu a vantagem ao time da Fazendinha, que a manteve até o quinto e último pênalti da série regular. Mas a vitória não estava nos pés de Elias – e sim nas mãos de Fernando Prass. O camisa 1 pegou o tiro do meia alvinegro e levou a disputa para as cobranças alternadas. Ali, no sétimo pênalti, a muralha completaria o serviço ao defender o pênalti de Petros e sacramentar a vaga na finalíssima. Enquanto Elias e Gil vertiam lágrimas salgadas no gramado, os palmeirenses experimentavam o sabor da primeira eliminação do Corinthians em sua nova casa.

Docinho, docinho.

...

Ao bater o São Paulo por 2 a 1 na outra semifinal, o Santos se credenciou para enfrentar o Palestra naquela que seria a primeira decisão entre as duas equipes desde o célebre Supercampeonato Paulista de 1959 – vencido pelo alviverde de Julinho Botelho, Djalma Santos e companhia limitada contra o time de Pelé em uma histórica série de melhor de três partidas.

O inevitável entusiasmo dos palestrinos foi colocado à prova no jogo de ida das finais, em 26 de abril, na capital. E quase se justificou. Diante de 39.479 pessoas, recorde de público até então no Allianz Parque, o Palmeiras encurralou o Santos no primeiro tempo e saiu com a vantagem graças a um belíssimo gol de Leandro Pereira, depois de envolvente jogada entre Cleiton Xavier, Robinho e Lucas. No segundo tempo, disposto a liquidar a fatura ainda naquela tarde, o time manteve a pressão; logo aos 10 minutos, Leandro

Pereira foi derrubado na área pelo zagueiro Paulo Ricardo. Cartão vermelho para o santista e penalidade máxima. Na teoria, nada poderia ser melhor.

Na prática, porém, a pontaria descalibrada de Dudu, que isolou a cobrança por cima do travessão do goleiro Vladimir, fez o Palmeiras desmoronar.

A equipe sentiu o baque e perdeu por completo o equilíbrio tático e psicológico, permitindo ao Santos segurar o resultado mesmo com um jogador a menos. O placar de 1 a 0 manteve-se inalterado, mas o ânimo havia claramente mudado de lado: enquanto os alviverdes deixavam o gramado em silêncio, os praianos comemoravam a derrota pela contagem mínima.

Ainda assim, bastava apenas um empate na Vila Belmiro para garantir o título. O espírito do time, todavia, parecia não ser mais o mesmo – especialmente o de Dudu, que não conseguiu se livrar do peso de seu erro na partida anterior. O Palmeiras já perdia por 2 a 0 quando, no final do primeiro tempo, o atacante se enroscou com Geuvânio e acabou expulso pelo juiz Guilherme Ceretta de Lima; transtornado, deu um tranco nas costas do árbitro antes de ser retirado de campo. A ausência do camisa 7 até faria bem ao Verdão, que, na segunda etapa, passou a controlar as ações e descontou com um gol de Lucas – o placar de 2 a 1 levava a partida para as penalidades. O Palestra buscava o empate, mas a expulsão de Victor Ramos, aos 35 minutos, obrigou a equipe a recuar para segurar o resultado. Novamente, pênaltis – com um resultado, dessa vez, diferente. Rafael Marques e Jackson erraram suas cobranças e o Santos garantiu o título ao vencer a disputa por 4 a 2.

Apesar da frustração, o Palmeiras saía de cabeça erguida. "Existem vários méritos, principalmente na reorganização do clube. Isso passou para a torcida, que nos apoiou bastante e respondeu positivamente", afirmou Oswaldinho. "Existe um conjunto de trabalho que ainda vai dar muitos frutos, tenho certeza."

A leitura era corretíssima. Mas, lamentavelmente para o treinador, ele não estaria ali para ver o desfecho da história.

...

Menos de dois meses depois da final do Paulista, Oswaldo de Oliveira foi demitido pela diretoria do Palmeiras. Oficialmente, o início instável no Brasileirão o derrubou; a vitória por 2 a 0 contra o Corinthians no Itaquerão, pela terceira rodada, gols de Rafael Marques e Zé Roberto, havia sido a única nos seis primeiros compromissos do torneio. De resto, três empates e duas derrotas, com um futebol, de fato, bem abaixo da crítica – atestado também pelo empate sem gols contra o Asa de Arapiraca, pela partida de ida da terceira fase da Copa do Brasil, que fez o Allianz Parque explodir em vaias. "Chegamos à conclusão que os resultados estavam se afastando dos objetivos traçados e que era melhor uma mudança", explicou Paulo Nobre no dia 9 de julho.

Extraoficialmente, porém, o técnico estava com os dias contados bem antes disso. É seguro dizer que nem mesmo a conquista do estadual o teria segurado por muito mais tempo no cargo. Afinal, a questão não se resumia aos tropeços do time: já ficara evidente para torcedores, conselheiros e diretores que Oswaldinho não tinha o perfil para conduzir o Palmeiras nessa nova fase. As desconfianças que o acompanhavam desde sua chegada ao clube, em especial sobre seu estilo de trabalho, considerado de muito papo e pouca ação, faziam as cornetas soarem a níveis alarmantes.

Pesou bastante contra ele ainda a falta de habilidade na gestão da maior promessa da base palmeirense em décadas, o atacante Gabriel Jesus, então com 17 anos. Respaldado no discurso de proteger o garoto, alçado aos profissionais naquele semestre, Oswaldo de Oliveira economizava em demasia os minutos de jogo do camisa 33 – postura cautelosa que, diante do desempenho irregular dos

demais atacantes do elenco, logo virou teimosia pura. Ainda na primeira fase do Paulista, na partida contra o São Bernardo, o professor perdeu a compostura ao discutir com um torcedor que pedia a entrada de Jesus; fez caras e bocas na coletiva para justificar seu descontentamento e, no mais grave dos pecados, levantou falso testemunho sobre a joia alviverde. "O Gabriel é um jogador normal, regular, gente!"

Mesmo com tudo isso, talvez Oswaldo sobrevivesse um pouco mais à frente do Palmeiras caso o Cruzeiro, ao ser desclassificado da Copa Libertadores da América pelo River Plate, não tivesse demitido o treinador Marcelo Oliveira. Com a faca e o queijo na mão, Paulo Nobre não resistiu à tentação de reunir a dupla que havia levado o time mineiro ao bicampeonato nacional – e assim, enquanto Alexandre Mattos se preparava para encaminhar o acerto com o velho compadre, o Verdão despedia-se do agora ex-treinador, agradecendo-o pelos serviços prestados.

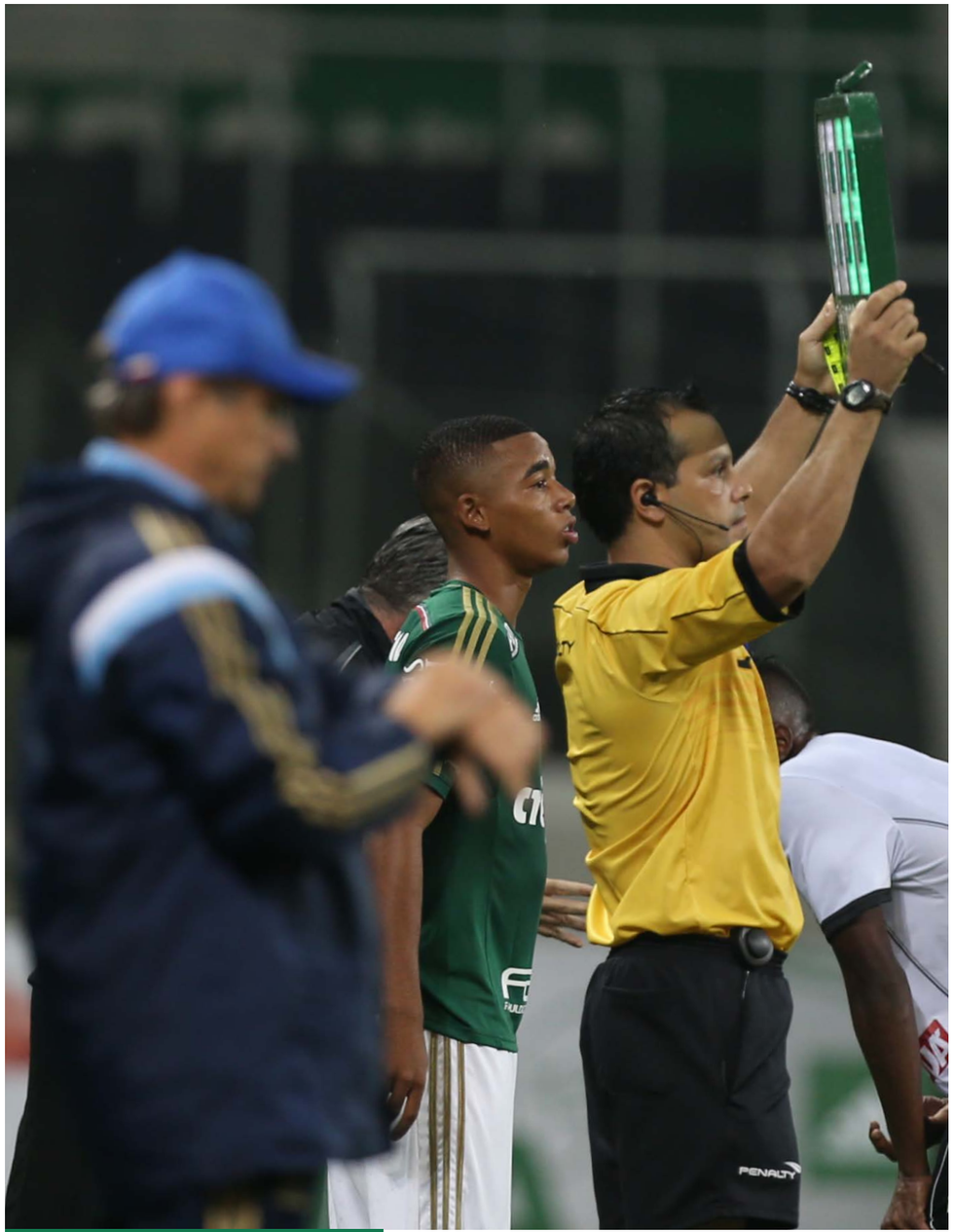
Aparentemente pego de surpresa, apesar de todos os rumores que indicavam sua saída, o bom caráter Oswaldo de Oliveira lamentou muito o fim de seu trabalho. "Foi tudo por terra. É difícil interromper dessa forma, tanta expectativa e planos que fizemos, desde o início das nossas conversas. Mas forças superiores hierarquicamente impediram a continuidade", afirmou na coletiva de imprensa, emocionado. Em seguida, completou, com a sinceridade que sempre lhe foi peculiar. "Está doendo. Está doendo meu herpes, está doendo minha úlcera, o calombo na minha omoplata..."

...

Quase ao mesmo tempo, um outro ciclo se fechava no Palmeiras – ao menos para o clube, de forma totalmente indolor. Cinco anos após o início de sua segunda passagem pelo Palestra Italia, chegava ao fim o contrato de Jorge Valdivia; sem acordo de renovação, o chileno partiria em agosto para o Al Wahda, dos Emirados Árabes, que havia anunciado sua contratação durante a Copa América, dois meses antes. Tecnicamente o melhor atleta a ter vestido a camisa alviverde nos últimos anos, Valdivia, aos olhos da torcida, já não era nem sombra do carismático e decisivo "Mago" de outrora. Suas lesões aparentemente incuráveis e sua notória capacidade de criar confusões extracampo esgotaram também a paciência da diretoria, que decidiu não ser mais refém de seus lampejos de craque.

Em uma época não tão distante, sua ausência seria uma catástrofe. Agora, era um alívio.

O Palmeiras, definitivamente, estava no caminho certo.



Oswaldo de Oliveira escuta os apelos da torcida e lança Gabriel Jesus: é a estreia profissional da maior promessa da base alviverde em décadas. Palmeiras 1 x 0 Bragantino, 7 de março de 2015.

Chocolate com cobertura: Robinho chuta da intermediária para encobrir Rogério Ceni e marcar o primeiro gol de placa do Allianz Parque. Palmeiras 3 x 0 São Paulo, 25 de março de 2015.

Pelas semifinais do Paulista, em 19 de abril, o Palmeiras visita o Corinthians. Victor Ramos abre o placar para o alviverde, mas a partida termina em 2 a 2 e vai para a decisão por pênaltis.

Na série regular, 4 a 4, um erro para cada lado. Kelvin e Gil convertem a primeira rodada das alternadas; na segunda, Jackson acerta sua cobrança e avisa a Fernando Prass: "Você vai pegar".

Acabou, Petros! Fernando Prass defende o pênalti decisivo. É a primeira eliminação do Corinthians em sua nova casa.

O atacante Rafael Marques, artilheiro do Palmeiras no Paulista, comemora a vitória palestrina no Itaquerão.

Festa alviverde no vestiário da Arena Corinthians.